

CENTENÁRIOS EM DESTAQUE

Yone Soares de Lima ()*

Seguindo a sistemática de levar ao público e proporcionar a estudiosos, a alunos e colecionadores maior divulgação de seu inestimável acervo, o Instituto de Estudos Brasileiros vem, há algum tempo, promovendo em seu próprio espaço exposições periódicas para evidenciar uma ou mais obras da Coleção Mário de Andrade. Estes eventos, não raro, são enriquecidos por documentos e/ou publicações, mantidos respectivamente pelo Arquivo e Biblioteca do Instituto e eventualmente — sempre que possível ou necessário — com a colaboração de terceiros: familiares, colecionadores ou outras instituições.

Sob a responsabilidade dos próprios pesquisadores do Setor de Artes Visuais e pessoal especializado da Coleção Mário de Andrade, estas mostras designadas DESTAQUE — consequentemente temporárias — procuram "chamar a atenção" sobre as peças selecionadas para este fim. Aos visitantes são oferecidos pequenos catálogos com uma súpula a fim de esclarecer, entre outros dados, o posicionamento de Mário de Andrade em relação aos autores e a presença de suas obras na coleção do escritor: interesse como crítico, como amigo, ou como colecionador?

ROSSI OSIR (1890-1959)
dezembro, 1990 a janeiro, 1991

Sendo assim, o IEB iniciou esta série de exposições homenageando o pintor, desenhista e arquiteto paulista Paulo Claudio Rossi Osir.

* Pesquisadora do IEB, área de Artes Visuais.

Seus primeiros passos nas artes deram-se sob orientação do próprio pai também pintor. Aos 16 anos viajou para a Europa obtendo sua formação profissional (arquitetura) e artística. No início da década de vinte retornou ao Brasil. Viajando pelo interior de Minas Gerais documentou paisagens, lugarejos e seus moradores. Em 1921 e 22 realizou as primeiras individuais em São Paulo. Voita a viajar para a Europa onde, por três anos, aprofundou seus estudos, chegando a expor na Itália. Em 1927 regressa ao Brasil apresentando individuais em São Paulo e Rio de Janeiro.

Mário de Andrade nas suas críticas pelo *Diário Nacional* fez referências à produção artística de Rossi Osir, reconhecendo-lhe uma técnica apurada, capaz de influenciar seus companheiros. Identificado por uma forte inclinação para o classicismo e preocupado com a problemática da "obra de arte", isto é, com a boa execução de uma obra, Osir integrou a "geração dos anos 30/40" ao lado de Volpi, Rebolo, Hugo Adami, Zanini, Clovis Graciano, Gobbis e outros. Eram artistas de origem modesta, operários alguns, imigrantes, que exercitavam, no dizer de Mário, uma arte "de final de semana", pelos arredores da cidade. São deste período as obras adquiridas pelo crítico ou a ele oferecidas, incluindo as seis peças mostradas no *Destaque*: paisagens, natureza morta e retratos, sendo dois do próprio colecionador.

Rossi Osir fez parte do Grupo Santa Helena e participou ativamente na criação da Família Artística Paulista, expondo pelo país, em várias coletivas ao longo dos anos 30 e 40: Salão Revolucionário, Exposição de Arte Moderna da SPAM, Salão Paulista de Belas Artes, Salão de Maio, Salão do Sindicato e outros mais. Fundou o Ateliê de Azulejos Osirarte, contando com a colaboração de artistas como Alfredo Volpi, Zanini, Hilde Weber e outros, cuja produção artística espalhou-se por vários pontos do país.

RUGENDAS (1802-1858)
março a maio, 1991.

O primeiro *Destaque* em 1991 foi para Johann Moritz Rugendas, pintor e desenhista austríaco do século XIX. A exemplo de tantos outros, emprestou todo seu talento ao documentar — na pintura, desenho e gravura — a exuberância de nossa natureza, os tipos humanos e costumes locais quando aqui esteve, em 1822, com a expedição Langsdorff. Em 1845, retornou como artista independente percorrendo vários países da América e vários pontos pelo interior do Brasil; registrou aspectos do Rio de Janeiro em telas de grandes dimensões enquanto atendia encomendas oficiais executando uma série de retratos para a Família Imperial.

Em 1928, Clóvis Ribeiro e José Wash Rodrigues encontravam-se na Europa — ambos apreciadores das belas edições e ambos vincula-



RUGENDAS.
Cabeça de Mulato
Lápis sobre papel.
13,7 x 10,3
Coleção Mário de
Andrade/IEB



RUGENDAS
Cabeça de Baiana
Lápis sobre papel.
14,4 x 11,7
Coleção Mário de
Andrade/IEB

dos às artes gráficas, o primeiro como editor e o segundo como desenhista. Na Alemanha adquirem um lote de originais assinados por Rugendas e aqui oferecem a entidades do Governo e a colecionadores — entre eles, provavelmente, Mário de Andrade. Em carta a Augusto Meyer, datada daquele mesmo ano, o escritor refere-se a uma dívida assumida de 1.650\$000 e à imensa satisfação que lhe proporcionara a compra; tratava-se de belíssimos desenhos de Rugendas: uma cabeça de mulato, uma cabeça de baiana e um grupo de índios acampados.

Hoje, integrando o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros, estas peças foram mostradas ao público através de *Destaque*. Colaborando para esta mostra, a Biblioteca do IEB e os colecionadores Dra. Rosmarie E. Horch e Instituto Hans Staden participaram com raridades bibliográficas, documentos, álbuns e publicações. Com isto, procurou-se divulgar um pouco mais a arte documentária executada no século passado por artistas que, usualmente, faziam parte de expedições científicas, verdadeiros laboratórios itinerantes. Posteriormente, identificados como "pintores viajantes", estes documentaristas tiveram sua obra devidamente reconhecida e valorizada por historiadores.

(Centenários Modernistas I)
WILHELM HAARBERG (1891-1986)
maio a julho, 1991.

Contemporâneo de uma geração de artistas e intelectuais, com os quais conviveu e atuou intensamente, Mário de Andrade soube reunir e preservar obras de alguns autores, dos quais vemos transcórrer atualmente o centenário de nascimento. Explica-se pois a seqüência dos *Destques* "Centenários Modernistas" em exposições comemorativas organizadas ao longo deste ano — e provavelmente nos próximos.

Nestas mostras a primeira abordagem foi para Wilhelm Haarberg, um escultor pouco conhecido. Nasceu na Alemanha, em Kassel, onde obteve formação artística voltada para o ensino de arte e ofícios, tornando-se também um artesão hábil no tratamento da pedra, da madeira e do metal. Mais tarde este aprendizado muito lhe valeu, ao executar restaurações. Em 1920 viajou para o Brasil. Viveu em São Paulo na época do movimento modernista privando da amizade de Mário de Andrade, enquanto exercia as atividades de professor junto à comunidade alemã. Como profissional, seu primeiro trabalho foi o de ilustrador para a Editora dos Irmãos Weiszflog, provavelmente atendendo a exigências da empresa que priorizava a mão-de-obra importada de seu país de origem.

O convívio com imigrantes alemães fez ampliar seu relacionamento facilitando, de certa forma, a instalação de um ateliê próprio; era uma tentativa de tornar mais conhecidas suas obras que ali esculpia paralelamente ao trabalho feito com alunos. Seu método de ensino, inédito

W. HAARBERG.

Mãe e filho

Escultura em madeira.

31,5 x 14,7 x 14,7

Coleção Mário de Andrade/IEB

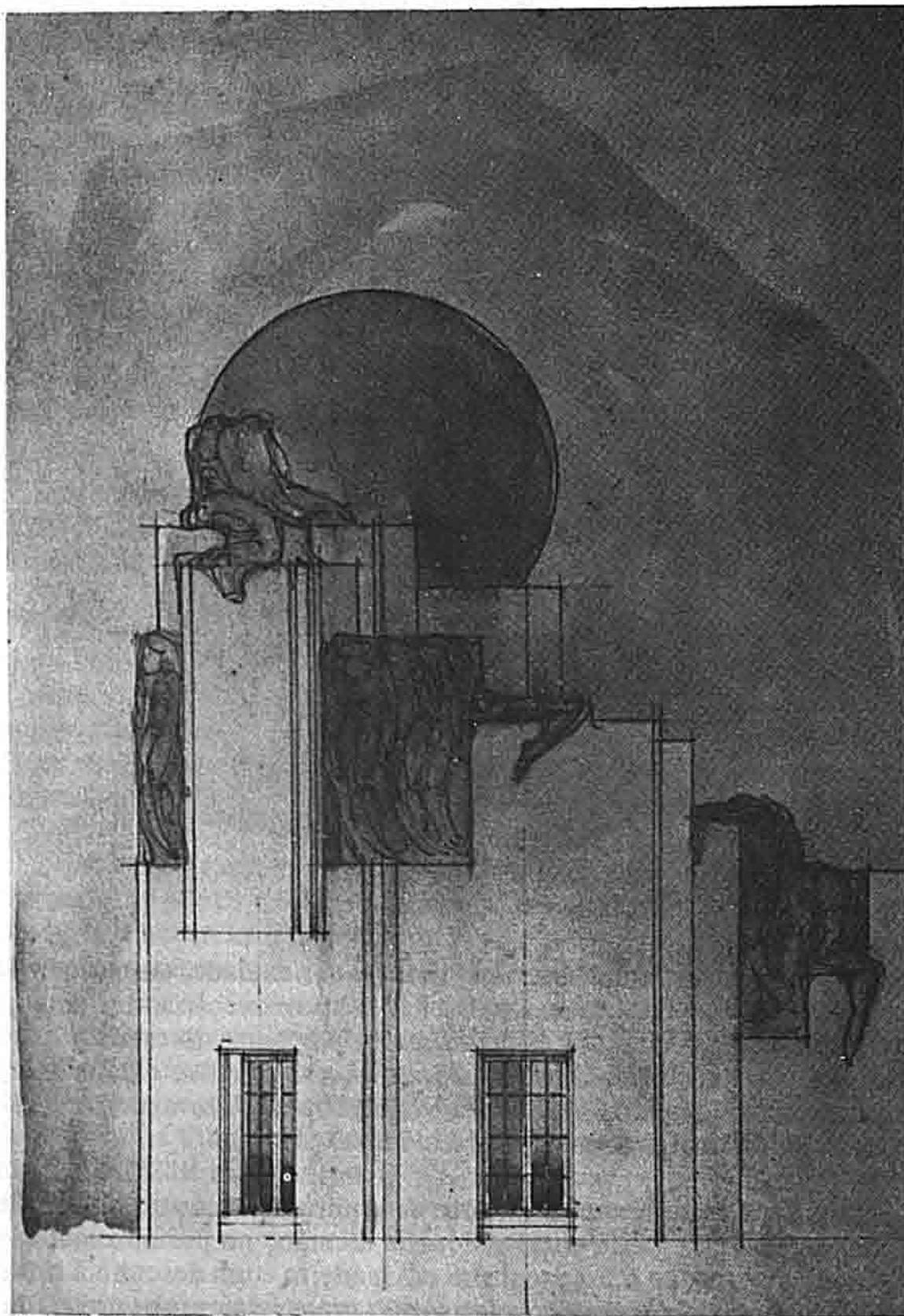


entre nós, despertou em Mário uma natural curiosidade, tanto quanto o interesse por suas esculturas de ateliê. A aproximação entre ambos propiciou um envolvimento cada vez maior por parte do escritor com a obra de Haarberg. E, através da admiração, da análise e da crítica, acabou por considerá-lo como sua "nova descoberta", levando o escultor a participar da Semana de Arte Moderna.

Na verdade, nos escritos de Mário de Andrade, encontram-se hoje as raras referências a este "expressionista alemão" no período modernista no Brasil. *Mãe e filho*, escultura em madeira e um desenho à tinta — obras que Mário manteve consigo — são provavelmente as únicas de que se tem conhecimento. Do *Destaque* fizeram parte também a correspondência, fotos e recortes do acervo particular da Profa. Marta Rossetti Batista.

(Centenários Modernistas II)
ANTONIO GARCIA MOYA (1891-1949)
julho a agosto, 1991.

Na seqüência, o *Destaque* para Antonio Garcia Moya, arquiteto e artista plástico natural da cidade de Atarfe, Espanha. Moya está repre-



Antonio G. MOYA

Detalhe Arquitetônico

Lápis e aquarela, 38,9 x 26,8 — Coleção Regina Helena Ferreira da Silva

sentado na Coleção Mário de Andrade por dois desenhos a carvão que, em conjunto com o acervo da família, ilustraram a homenagem prestada pelo IEB no centenário de seu nascimento. Chegado a São Paulo, ainda criança obteve aqui formação escolar e artística — também artesanal — voltada para a valorização do desenho. Este, aliás, marcou basicamente sua atividade como profissional. O primeiro emprego, quando ainda adolescente, requeria destreza no desenhar — nos escritórios de Jorge Krug, tio de Anita Malfatti, executava projetos de arquitetura e de construção ali permanecendo por mais de dez anos. Do convívio com a família Malfatti resultou uma grande amizade e sociedade com Guilherme Malfatti, irmão de Anita: o escritório "Moya e Malfatti", que respondeu por várias construções na cidade de São Paulo. Moya formou-se em arquitetura na Escola de Belas Artes quando corriam os anos trinta e, como arquiteto, participou dos Salões Paulistas de Belas Artes — tal como ocorrera na Semana de Arte Moderna.

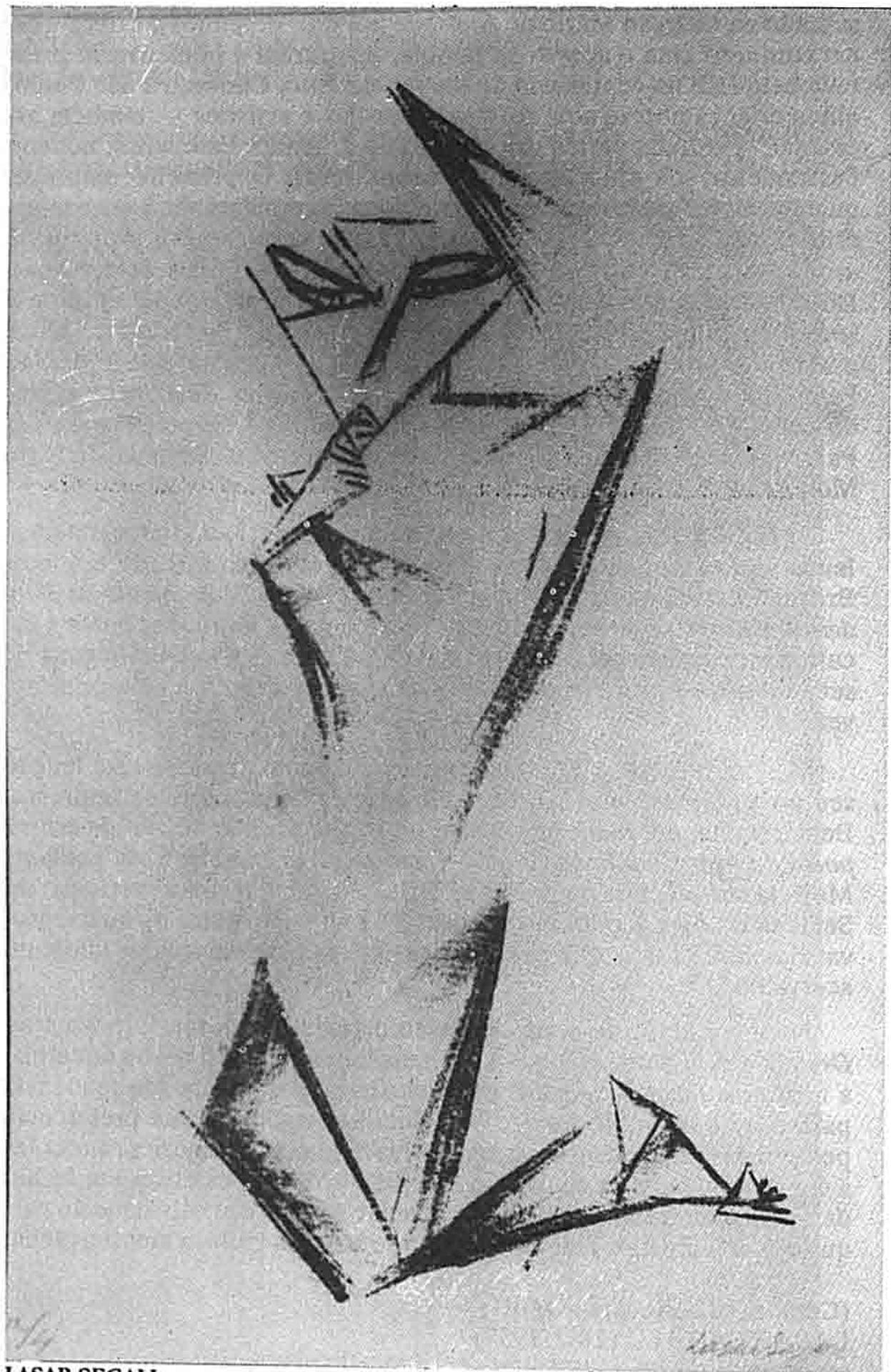
As exposições e concursos oficiais do Centenário da Independência levaram-no a conhecer, entre outros artistas, Nicola Rollo e Victor Brecheret, com quem colaborou na maquete do *Monumento às Bandeiras*. Não deixa de ser curiosa — e evidente — a influência deste escultor modernista sobre Moya, conforme se comprova em alguns de seus esboços e projetos arquitetônicos, agora expostos pela primeira vez.

Mas foi o escritor Menotti del Picchia quem praticamente lançou seu nome e prestigiou seu trabalho através de crônicas na imprensa. Bem a seu modo, Menotti apresentou-o como sendo "*o grande artista, poeta da pedra, sonhador impenitente de coisas grandes*". Na verdade, Moya já se vinculara ao grupo modernista, que o levou a participar da Semana de Arte Moderna com dezoito trabalhos, entre os quais, provavelmente, os dois que pertenceram a Mário de Andrade — hoje no acervo do IEB.

Num conjunto de mais de sessenta trabalhos, foram expostos no *Destaque* desenhos, esboços e projetos executados a lápis ou aquarela, a nanquim e carvão. Alguns deles mostram claramente sua tendência para o monumentalismo e certos detalhes traduzem sua preferência pelas formas escultóricas, isto é, figuras humanas e alegóricas anexadas à construção, à guisa de ornato. Curiosas soluções estéticas em fachadas, pátios ou interiores demonstram não apenas a criatividade do "arquiteto desenhista", mas também suas raízes na cultura mediterrânea.

(Centenários Modernistas III)
LASAR SEGALL (1891-1957)
setembro e outubro, 1991

Para homenagear Lasar Segall no centenário de seu nascimento, o Instituto de Estudos Brasileiros lançou mão de seu complexo acervo trazendo para o *Destaque*: da Biblioteca, publicações várias como li-



LASAR SEGALL

Em oração (Gebet) do álbum *Die Sanften*, 1918

Litografia. 41,1 x 21,8 – Coleção Mário de Andrade/IEB

vros, revistas, catálogos sobre o artista e sua obra, inclusive o álbum *Mangue* adquirido por Mário de Andrade, além de textos do próprio Segall publicados em periódicos da época; do Arquivo, foram mostrados a correspondência (carta e postais), fotos, catálogos, recortes, esboços e rascunhos dispostos em vitrines. Com o objetivo de tornar o evento mais abrangente, o IEB promoveu juntamente com o Museu Lasar Segall, entre os meses de setembro e outubro, o ciclo de palestras "Lasar Segall: visões críticas". Foram conferências proferidas por historiadores, críticos e estudiosos sobre aspectos diversos em torno do artista russo, sua arte e personalidade. Quanto às obras de Segall, o *Destaque* expôs um conjunto de dezesseis gravuras que pertenceram a Mário, além de seu retrato a óleo, datado de 1927 e oferecido pelo artista ao crítico e amigo. Abrangendo as técnicas de gravura desenvolvidas por Segall — pedra, madeira e metal —, as peças destacadas pelo IEB dão bem uma idéia do que foi a sua produção artística neste terreno: a dramaticidade de uma vivência européia (*Aldeia russa, Em oração, A grávida* e outras); o lado retratista executado na ponta seca em *O velho sentado e Retrato de G...*, ou ainda obras que atestam sua maior afinidade com o Brasil, como as mulatas e a prostituição da série *Mangue*, além de *Mário na rede* — gravura feita em Paris, 1930, justificando, junto à assinatura, seus sentimentos de "Saudades da Fazenda" em alusão à temporada passada na fazenda de Tarsila e Oswald de Andrade, em companhia de Mário.

Segall já estivera uma primeira vez no Brasil em 1913. Todavia, foi com a vinda para São Paulo, em 1923, que sua arte e personalidade se impuseram definitivamente em nosso meio artístico e cultural; não tardou que houvesse uma espécie de mútua influência — formativa e informativa: sua arte adquiriu novas cores, novas formas e um novo espírito. No ano seguinte à sua chegada, uma exposição individual concretizava definitivamente sua aproximação com os modernistas de São Paulo. Deste convívio, resultou sua participação numa série de atividades desenvolvidas pelo grupo, entre elas a conferência proferida na Vila Kyrial, as exposições do Salão de Maio, a colaboração nas decorações para o Baile de Carnaval da SPAM, além da exposição da Casa Modernista.

Dono de uma extraordinária versatilidade e capacidade artística, Lasar Segall deixou ao longo de sua carreira um dos mais ricos legados culturais contando, por vinte anos, com o acompanhamento de Mário de Andrade através de análise e crítica.

JOSÉ WASTH RODRIGUES (1891-1957)
novembro, 1991 a janeiro, 1992

Para encerrar a série *Destaque* do ano, o Instituto homenageia, desta feita, o pintor, desenhista e historiador paulista José Wash Rodrigues. Foi aluno de Oscar Pereira da Silva e de Zeferino da Costa — na então Academia Imperial de Belas Artes; foi também discípulo de Victor Meirelles e de J. Maria de Medeiros. Permanecendo fiel ao

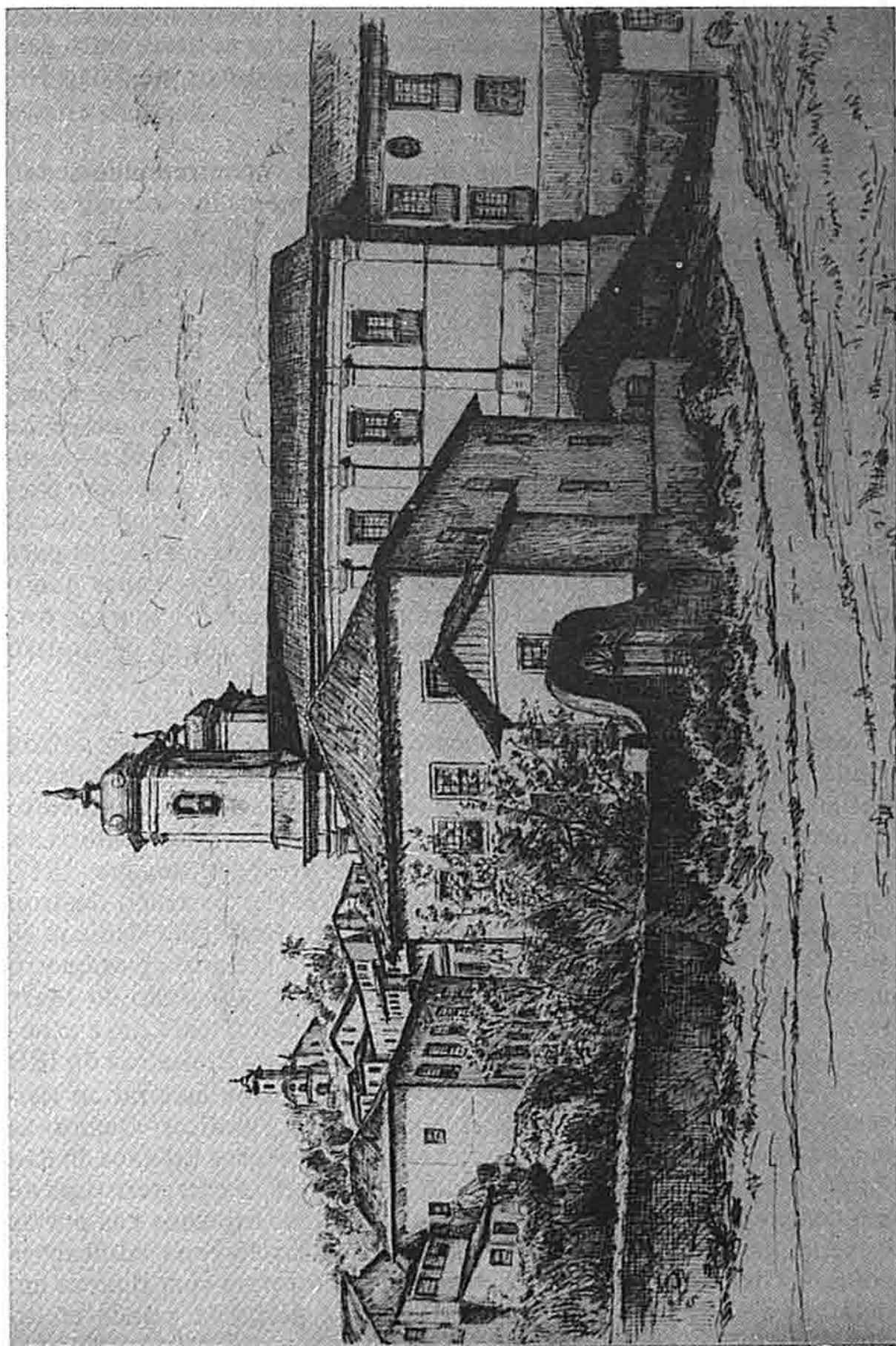


Retrato de José Wash Rodrigues. Óleo de Tulio Mugnaini

aprendizado destes mestres, Wash Rodrigues pautou sua obra — artística e profissional — essencialmente no sentido realista de um inegável vínculo com a escola acadêmica.

Possuidor de uma memória privilegiada aliada a um grande conhecimento sobre nosso passado histórico, Wash Rodrigues contava, além de tudo, com aguçado senso de observação — "um anotador sistemático", no dizer de Monteiro Lobato. Isto, sem dúvida, contribuiu para acentuar a tendência revelada desde cedo para uma arte documental. Minúcias e detalhismos presentes no óleo, na aquarela e no desenho passaram a identificar sua arte.

Com apenas 19 anos, Wash Rodrigues inaugurava sua primeira exposição individual em São Paulo e, breve, seguia para a França como pensionista do Estado. Em Paris estudou com J. Paul Laurens na Aca-



J. WASTH RODRIGUES. *Ouro Preto*. 1930
Nanquim sobre papel. 30,2 x 43,9 – Coleção Mário de Andrade/IEB

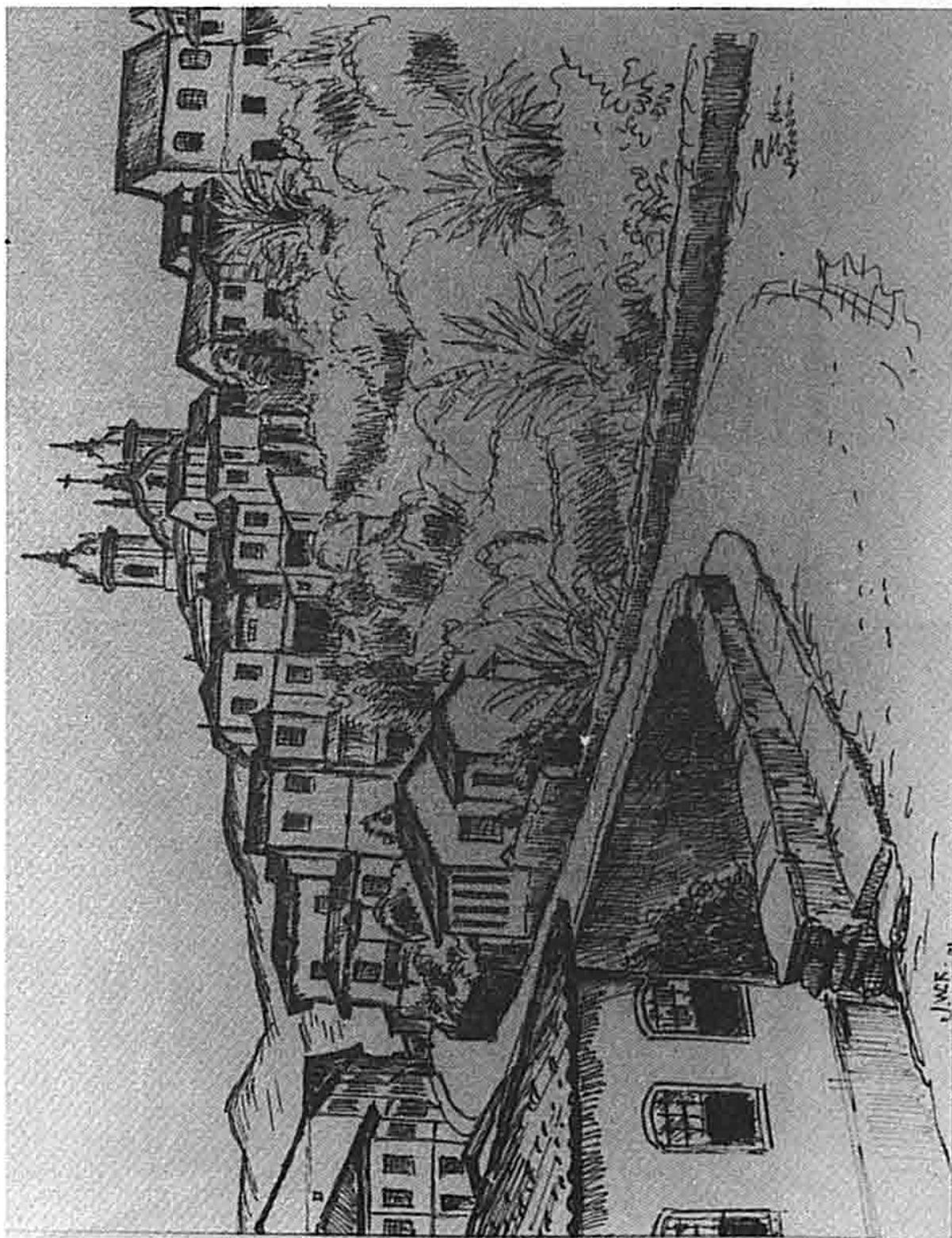
demia Julian e com Lucien Simon e Nandi na Escola de Belas Artes — chegando a expor três trabalhos no Salão da Sociedade dos Artistas Franceses. Em 1914, volta ao Brasil e em São Paulo retoma seu ritmo de trabalho na pintura e no desenho; cria um curso de artes junto com Elpons e Zadig e participa, por dois anos consecutivos, do Salão Nacional de Belas Artes.

Vivia o país um certo sentimento patriótico — contrapondo-se talvez ao conflito mundial — acentuando-se nos meios intelectuais a valorização por coisas nossas e pela história do país. Em pouco tempo, Wash Rodrigues tornava-se um porta-voz deste espírito. Uma temática nacionalista instalara-se em suas aquarelas e óleos, fato que despertou o interesse de Monteiro Lobato, ferrenho defensor de uma arte nacionalista. Colaborador de *O Estado de São Paulo*, ali publicava, sistematicamente, matéria onde se expandia como crítico e articulista. Bem impressionado com o talento do jovem artista, empenhou-se em prestigiá-lo e a promover seu trabalho: convidou-o para ilustrar a recém-adquirida *Revista do Brasil*. Em 1918 o autor de *Narizinho* confiou-lhe a capa de seu primeiro livro de contos — *Urupês*, marco inicial de sua carreira de escritor (e editor), que, da mesma forma, foi para Wash Rodrigues o ponto de partida da longa série de capas que o consagrariam definitivamente como ilustrador. Seu traço apurado torna-se inconfundível, não raro enriquecido pelo "grisé" no decorativo ou pelo detalhismo da imagem narrativa.

Seguindo sua vocação documentarista, Wash Rodrigues deixou ainda um trabalho de fôlego através de publicações sobre mobiliário antigo além de indumentária, insígnias e armas militares e o inédito *Dicionário de Armaria*. Estudioso da heráldica, criou vários ex-libris, os brasões da cidade e do estado de São Paulo (respectivamente, 1917, com a ajuda de Guilherme de Almeida, e 1932) assim como ilustrou várias obras especializadas no assunto. Wash Rodrigues dedicou-se ainda à azulejaria, sendo o obelisco do Largo da Memória e os quatro monumentos existentes ao longo do tradicional "Caminho do Mar" (entre S. Paulo e Santos) os mais significativos exemplos. Com a exposição de algumas publicações literárias cedidas pela Biblioteca do IEB — hoje raridades editoriais — o *Destaque* procurou mostrar ao visitante aspectos de suas atividades junto às artes gráficas. Quanto às cinco obras expostas, duas aquarelas registram trechos urbanos da São Paulo antiga: as pinceladas bem cuidadas fixaram as características de um centro comercial da época — toldos, artigos expostos nas portas estreitas, poucos passantes... Nos desenhos a bico-de-pena, edificações coloniais de São Paulo e de Ouro Preto transcrevem com riqueza em detalhes e hachuras, claro-escuros, planos e perfis de grande efeito plástico.

Entre as anotações de Mário ficou registrada a compra destas cinco obras, num total de 1.390\$000, feita em outubro de 1935, diretamente de Wash Rodrigues.

As exposições *Destaque* contaram com a participação do Setor de Artes e Coleção Mário de Andrade: Eliane M. Paschoal da Silva, Marta R. Batista, Mayra Laudanna, Samuel de Souza Filho e Yone S. de Lima. Pela ordem aqui apresentadas, tiveram as seguintes curadorias: Profa. Mayra Laudanna, Profa. Marta Rossetti Batista e Profa. Yone Soares de Lima.



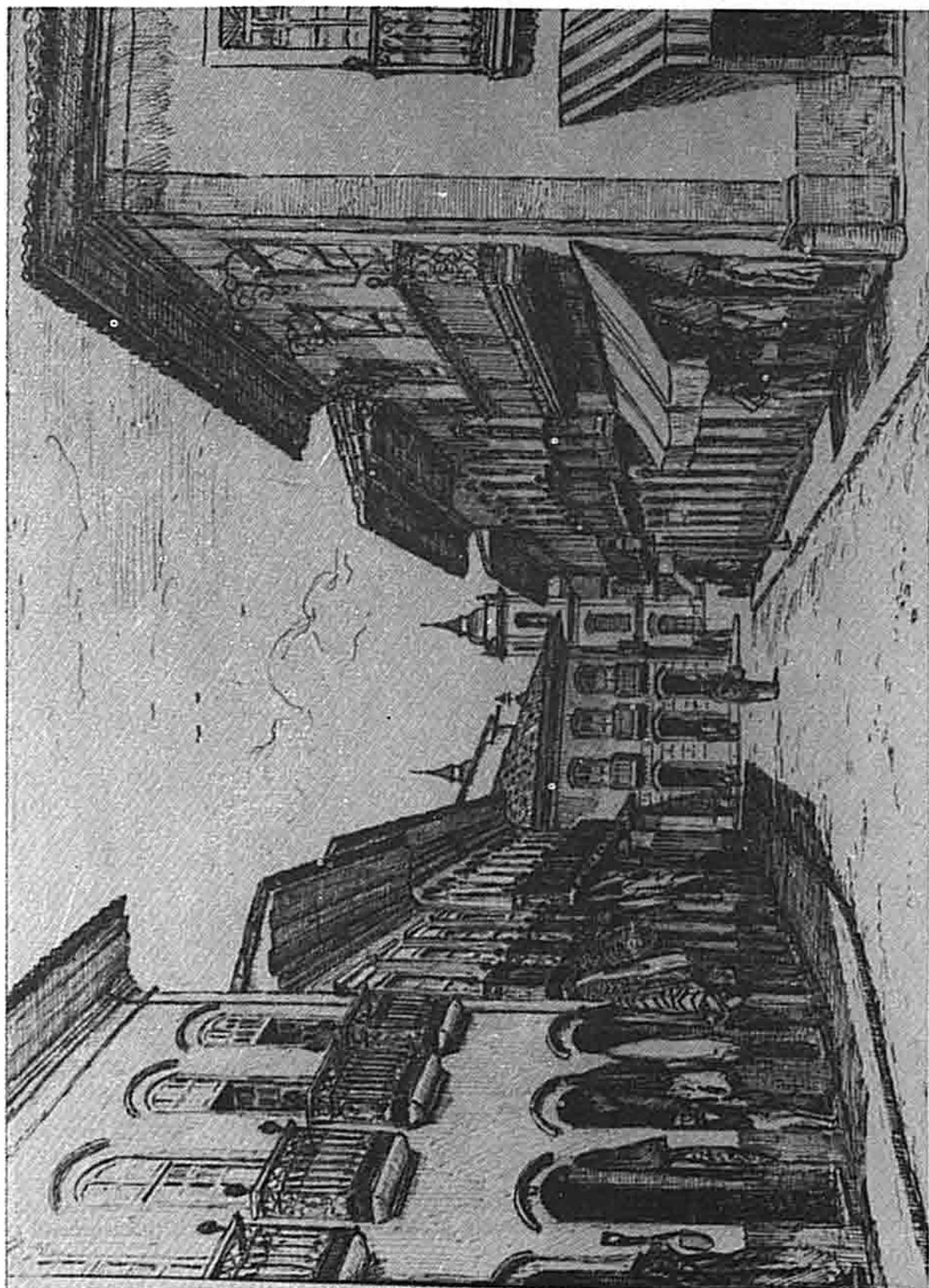
J. WASTH RODRIGUES. *Ouro Preto*. 1931
Nanquim sobre papel. 30,2 x 36,7 – Coleção Mário de Andrade/IEB



J. WASTH RODRIGUES. *Rua Direita, esquina da Rua São Bento em 1886.* 1935
Guache sobre papel. 25 x 33,8 – Coleção Mário de Andrade/IEB



J. WASTH RODRIGUES. *Rua do Comércio (boje Alvares Penteado) em 1860.*
1935.
Nanquim sobre papel. 23,5 x 31,5 – Coleção Mário de Andrade/IEB



J. WASTH RODRIGUES. *Fim da Rua Direita em 1862*. 1935.
Guache sobre papel. 22,8 x 32 — Coleção Mário de Andrade/IEB

MONTEIRO LOBATO

URUPÊS



Capa de Urupês, 1918. Bico de pena de J. WASTH RODRIGUES, documenta o "mata-pau"



Capitular para *Urupês*, 1ª edição, de J. WASTH RODRIGUES.



Em *Revista do Brasil*, para final de texto, de J. WASTH RODRIGUES

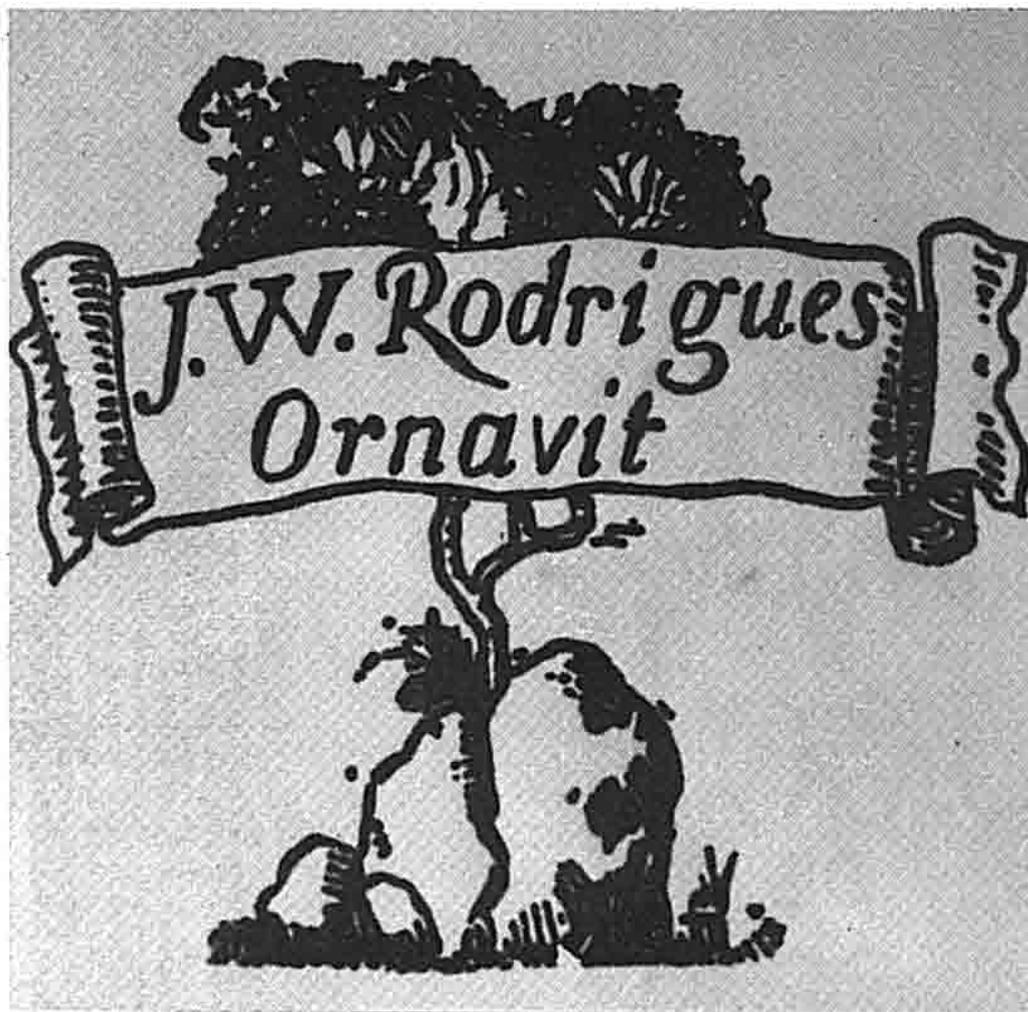
Em *Revista do Brasil*, para final de texto de J. WASTH RODRIGUES.



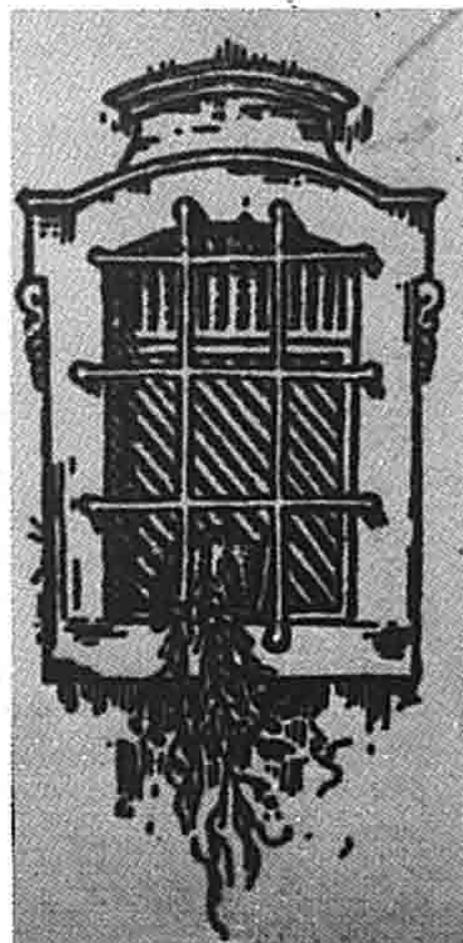
LIVRO DE HORAS DE
SOROR DOLOROSA
"A que morreu de amor"



Capa do Livro de Horas de Soror Dolorosa. Ornatos inspirados em autores dos séculos 17 e 18, de J. WASTH RODRIGUES.



Final do texto do *Livro de Horas de Soror Dolorosa*, de J. WASTH RODRIGUES.

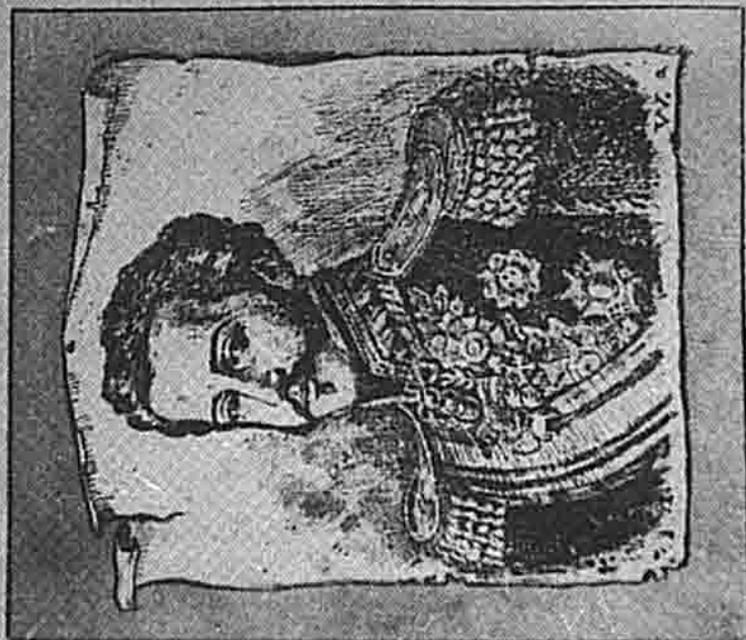


Segunda capa, externa, do *Livro de Horas de Soror Dolorosa*, de J. WASTH RODRIGUES.



Capa de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Detalhismo em bico-de-pena, traço inconfundível de J. WASH RODRIGUES.

As maluquices do Imperador



Paulo Setubal

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA GUSMÕES, 13
SÃO PAULO
1927

Capa do gênero retrato, técnicas diferenciadas: bico-de-pena e planos cromatizados em guache, de J. WASTH RODRIGUES

PAULO SETUBAL



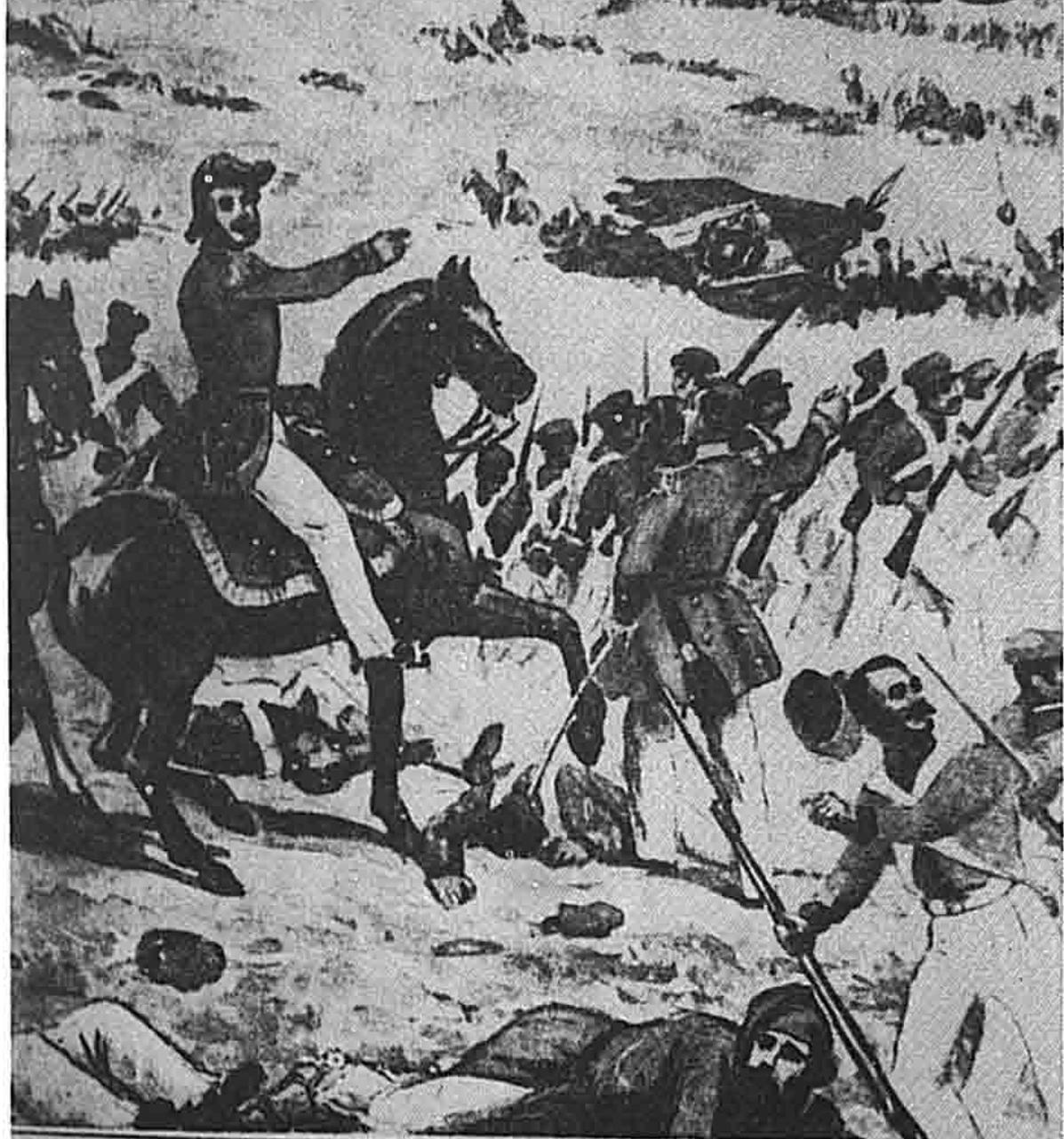
o Príncipe de Nassau.

Romance Histórico

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA GUSMÕES, 13
SÃO PAULO
1927

Capa Gênero documentário-narrativo, em guache, de J. WASTH RODRIGUES.

A Guerra do Rosas



Contos e episódios da campanha do Uruguai e Argentina - 1851

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 26

1920

Capa Desenho narrativo, detalhismo, a bico-de-pena, de J. WASTH RODRIGUES.

PAULO SETUBAL

Nos Bastidores da Historia



1.ª Edição

15.000 Exemplares

COMPANHIA EDITORA NACIONAL S. PAULO
RUA DOS GUSMÕES N. 28 1928

Capa de J. WASH RODRIGUES. Desenho narrativo, detalhismo, a bico-de-pena.